

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
À NOUS LE CINÉMA!/A NÓS O CINEMA! – ENCONTRO INTERNACIONAL
6 de Junho de 2024

BONJOUR MONSIEUR COMOLLI / 2023

Um filme de Dominique Cabrera

Realização: Dominique Cabrera / Direcção de Fotografia: Karine Aulnette, Magali Léonard, Timon Moreau / Música: Michel Portal / Som: Elias Boughedir / Montagem: Dominique Barber e Matéo Brossaud / Com: Jean-Louis Comolli, Dominique Cabrera, Isabelle Le Corff.

Produção: Ad Libitum / Produtora: Edmée Doroszalai / Cópia digital, colorida, falada em francês com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 85 minutos / Inédito comercialmente.

Com a presença de Dominique Cabrera.

Jean-Louis Comolli morreu a 19 de Maio de 2022. O último dos encontros com ele filmados por Dominique Cabrera, encontros que estão sempre datados por separadores que fazem de cada data uma espécie de “capítulo” do filme, encontros que avançam em intervalos regulares entre o princípio do outono e o princípio da primavera, o último desses encontros, dizíamos, tem uma data de meado de Abril de 2022. Quer dizer que, quando deixamos de ver Comolli, sempre de aparência um pouco mais fraca e debilitada do que no encontro anterior, ele tem pouco mais de um mês de vida. Mas deixamos de o ver sentado ao computador, a escrever, contente pelo lançamento iminente do último livro, com o jardim de casa ao fundo, o jardim onde naquele princípio da primavera em breve as rosas vão florir, “et ça change tout”, como ele dissera antes. O pudor extremo, belíssimo, de **Bonjour Monsieur Comolli** começa aí confirmar-se e tem apoteose na conclusão que se segue, uma elipse (não há outra coisa a chamar-lhe), planos de uma rua parisiense, um comboio que passa numa linha elevada, suspensa, sobre a rua. Nem uma legenda com “informação”, nem uma indicação de que Comolli morreu cerca de um mês depois do último encontro. Apenas a rua e o comboio que passa, e o genérico final (que esse sim, tem, como quase todos, as cores do luto). Dir-se-ia o final de um filme de Ozu.

Para além do pudor, o que este afinal afirma é que **Bonjour Monsieur Comolli** (e não “bonne nuit, Monsieur Comolli”) é um filme sobre a vida de Jean-Louis Comolli, não é um filme sobre a morte dele, apesar de todos saberem – ele próprio em primeiro lugar – que a morte está a chegar. Ele fala disso abertamente, não muitas vezes mas sempre com uma franqueza e uma lucidez onde não parece haver lugar para nenhum desespero, para nenhuma aflicção. Da parte dele, de facto, é uma lição de aceitação. É mesmo capaz de rir: muito bonito aquele diálogo em que da boca da realizadora sai uma pergunta que ela própria imediatamente reconhece que é uma pergunta para que não há resposta (algo

como “o que sentes diante da morte?”) e Comolli comenta, com uma gargalhada (mas uma gargalhada pura, espontânea, não é um esgar, não contém nem ironia nem sarcasmo), “mas como queres tu que eu me sinta?”. Dizer alguma coisa da morte será, talvez, impossível (daí o embaraço imediato de Dominique Cabrera nessa cena), mas é possível rir dessa impossibilidade, como se ela fosse só o inevitável clímax burlesco que pesa sobre todas as vidas.

De resto, poucos filmes sobre homens ou mulheres em vias de morrer os mostrarão a rir tanto como Comolli ri neste filme. Passa-se, nas conversas, por um “abregé” da vida de Comolli, da sua vida intelectual (como crítico de cinema, como cineasta, como escritor, como militante político) e da sua vida pessoal (as suas origens argelinas, que partilha com Cabrera, igualmente nascida na Argélia numa família “pied noir”, a vinda para França, as questões de classe, a avalanche da extrema direita, o óbvio que é preferir Macron a Le Pen), mas parece menos importante a reflexão biográfica ou filosófica do que o acto de registar Comolli no momento em que a faz. Ou, por assim dizer: o centro de **Bonjour Monsieur Comolli** não é nem a vida passada nem a morte futura, é a vida presente. Não admira, portanto, que seja um filme tão “sensorial”, tão organizado em função de momentos de partilha de sensações, de prazeres – como as refeições, ou as provas de vinhos. “O médico proibiu-me o álcool porque me faz mal ao corpo, mas dá-me prazer à alma e se me dá prazer dá-me vontade de viver, e isso não pode fazer mal”, diz Comolli. Inesperadamente, o filme faz-nos pensar naquela epígrafe do **Femmes, Femmes** de Paul Vecchiali: “nunca se ri o suficiente, nunca se bebe demasiado”. Também é sobre isto, **Bonjour Monsieur Comolli**.

Luís Miguel Oliveira